



ASSISTÊNCIA AO PARTO NOS SERTÕES DA BAHIA: ENTRE MULHERES E DOUTORES (1930-1950)¹

André Moreira da Silva²

Cleide de Lima Chaves³

Resumo: O presente trabalho busca evidenciar as origens de um campo médico especializado como os da obstetrícia e ginecologia, no interior do hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista e visa contribuir a descrever a emergência desta especialização entre 1930 e 1950. Na cidade, o parto ou as chamadas “doenças de senhoras” eram costumeiramente tratados por parteiras e por medicamentos populares, no espaço restrito do lar. Os anúncios médicos nos jornais revelaram que o título da especialidade raramente era referido, sendo utilizado o termo “doenças de senhoras” até 1950, quando passou a ser substituído pelos conceitos da obstetrícia e ginecologia. Concluímos que a Santa Casa foi um espaço de formação do campo médico da obstetrícia e ginecologia na cidade, ainda que muitos médicos tenham buscado outros caminhos, como as clínicas particulares e o atendimento domiciliar. A obstetrícia foi uma das primeiras áreas a ter um espaço exclusivo e reservado no interior do hospital, com a inauguração da maternidade em 1952.

Palavras-chave: Assistência; Medicina; Parto; Santa Casa.

ASSISTANCE ON THE PARTURITION IN THE WILDERNESSES OF BAHIA: BETWEEN WOMEN AND DOCTORS (1930-1950)

Abstract: This paper seeks to show the origins of the specialized medical field such as obstetrics and gynecology, inside the Santa Casa de Misericórdia Hospital in Vitória da Conquista and aims to contribute to describe the emergence of this specializations between 1930 and 1950. In the city, childbirth or so-called "ladies' diseases" were customarily treated by midwives and popular drugs in the restricted space of home. Doctor's advertisements in newspapers revealed that the specialty title was rarely mentioned, the term "ladies' diseases" being used until 1950, when it began to be replaced by the concepts of obstetrics and gynecology. We conclude that Santa Casa was a place for medical training in the fields of obstetrics and gynecology in the city, although many doctors have sought other ways, such as private clinics and home care. Obstetrics was one of the first areas to have an exclusive and reserved space within the hospital, and the maternity was inaugurated in 1952.

Keys-words: Assistance; Medicine; Childbirth; Santa Casa.

¹ Esse artigo é o resultado do projeto de Pesquisa “História da assistência à saúde na Bahia: a Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista (1915-1950)” financiado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e contou com a colaboração da bolsista Karoline Oliveira Sales.

² Graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, foi bolsista de iniciação científica pela FAPESB.

³ Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Regional do Brasil, em Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil imperial e história social da saúde e das doenças na Bahia e na América Latina. E-mail: keuchaves@hotmail.com.



ASSISTANCE AU ACCOUCHEMENT DANS *SERTÕES* DE BAHIA: ENTRE FEMMES ET LES MÉDICINS (1930-1950)

Résumé: Cet article cherche à mettre en évidence les origines d'un champ médical spécialisé comme l'obstétrique et de gynécologie à l'intérieur de l'hôpital Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista et vise à contribuer pour décrire l'émergence de spécialisation entre 1930 et 1950. Dans la ville, la accouchement ou les dites "maladies des dames" ont été généralement traités par des sages-femmes et des médicaments populaires, dans l'espace restreint de la maison. Annonces Médicales dans les journaux ont révélé que le titre de la spécialité a été rarement mentionné, en étant utilisé le terme "maladies de dames" jusqu'en 1950, quand il a été remplacé par les concepts d'obstétrique et de gynécologie. Nous concluons que la Santa Casa était une place d'entraînement du champ médical d'obstétrique et de gynécologie de la ville, bien que beaucoup de médecins ont cherché d'autres voies, telles que les cliniques privées et de soins à domicile. L'obstétrique a été l'un des premiers domaines d'avoir un espace exclusif et réservé à l'intérieur de l'hôpital, avec l'inauguration de la maternité en 1952.

Mots clés: Assistance; Medicin; Accouchement; Santa Casa.

ASISTENCIA AL PARTO EN LOS *SERTÕES* DE LA BAHIA: ENTRE MUJERES Y DOCTORES (1930-1950)

Resumen: El presente trabajo busca evidenciar los orígenes de un campo médico especializado como los de obstetricia y la ginecología, en el interior del hospital de la Santa Casa de Misericordia de Vitoria da Conquista y pretende contribuir a describir la emergencia de esta especialización entre 1930 y 1950. En la ciudad, el parto o las llamadas "enfermedades de las señoras" eran a menudo tratadas por las parteras y por medicinas populares, en el espacio restringido del hogar. Los anuncios médicos en los periódicos enseñan que el título de especialidad casi no era referida, se utilizaba el termo "enfermedades de las señoras" hasta, 1950, cuando pasó a ser sustituido por los conceptos de la obstetricia y la ginecología. Concluimos que la Santa Casa fue un espacio de formación del campo médico de la obstetricia y la ginecología. Concluimos que la Santa Casa fue un espacio de formación del campo médico de la obstetricia y la ginecología en la ciudad aunque muchos médicos han buscado otros caminos, como las clínicas particulares y el atendimento domiciliar. La obstetricia fue una de los primeros campos a tener un espacio exclusivo y reservado en el interior del hospital, con la inauguración de la maternidad en 1952.

Palabras-clave: Asistencia; Medicina; Parto; Santa Casa

A educação sexual deve, pois, ser ministrada às moças por ocasião da puberdade. Para elas este ensino é tão importante como para os rapazes. Compenetrem-se dessa verdade os pais e as mães e saibam que na mesa de leitura de sua filha, ao lado do livro de romance, ao lado do livro religioso, deve ser também reservado um lugar destacado para o livro de educação sexual! (O Combate, 31/03/1935)

A citação acima foi extraída de uma publicação em um periódico da cidade de Vitória da Conquista, no interior da Bahia, na década de 1930, e evidencia a preocupação por parte de uma camada da sociedade conquistense com a formação moral e fisiológica das *mocinhas*.



Essa matéria, escrita pelo médico José de Albuquerque⁴, demonstra o caráter nocivo explicitado sob a puberdade feminina – fase biológica tratada como um fenômeno que comprovava a instabilidade da natureza da mulher, segundo a visão médica do século XIX – e que a concedia propriedades patológicas ao longo de toda a sua vida reprodutiva (Martins, 2004, p. 163).

Escrito em um momento em que a medicina da mulher começava a ganhar maior notoriedade, a publicação do texto é uma amostra de que o discurso médico-científico começava a tratar abertamente acerca da temática da educação sexual e da puberdade feminina. O dr. José Albuquerque alertava para os perigos que as filhas corriam, nas palavras do autor, “por culpa de seus pais” e pela falta de informação acerca da menarca. Há dois pontos nesta matéria que chamam a atenção: primeiro, a proposta de, desde cedo, estabelecer a educação sexual como uma modalidade de formação ética, afinal o livro de educação sexual deveria ter lugar cativo ao lado do *livro religioso*, sem pormenorizações; o segundo ponto diz respeito à inserção do médico no ambiente familiar e como instrutor oficial de assuntos pertinentes ao bem estar cotidiano.

Trata-se, portanto, do estabelecimento do médico como aquele que possuía os pré-requisitos necessários para orientar as mulheres ou fazer o que Martha Freire denominou de maternidade científica, pois

esses médicos atribuíram-se a tarefa de preparar as mulheres para o exercício da maternidade segundo a racionalidade científica. O discurso médico maternalista produziu, entre outras, uma dupla consequência. De um lado, os médicos higienistas legitimavam-se como puericultores, especialistas na promoção e manutenção da saúde das crianças, conquistando maior autoridade na sociedade e no interior do corpo médico. De outro, contribuíam para a redefinição dos papéis femininos e a configuração de um novo papel social para a mulher: a mãe moderna (Freire, 2008, p. 161)

A presença de uma matéria com este teor em um periódico do sertão baiano sugere algo que já se evidenciava em grandes cidades: a especialização, cada vez maior, da medicina

⁴ Um dos pioneiros da educação sexual no Brasil entre as décadas de 1920 e 1950, o médico José de Albuquerque produziu uma vasta bibliografia e destacou-se pelas iniciativas de conscientizar a população acerca da educação sexual. Defendia, entre outras causas, o divórcio, e propunha políticas públicas que gerissem o controle da natalidade e um plano de educação sexual e antivenérea. Em julho de 1933 criou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) sediado no Rio de Janeiro. Reunia intelectuais interessados em pensar a temática, organizava conferências e publicava tratados a respeito. Entre 1933 e 1939, Albuquerque publicou o *Boletim de educação sexual*, periódico que teve circulação nacional e dirigia-se ao público leitor abordando questões relacionadas à sexualidade e à educação sexual, como pode ser notado na matéria apresentada acima (Ribeiro; Reis, 2003).



das mulheres e a imagem do especialista como paladino dos segredos da feminilidade (Martins, 2004, p. 125).

Neste trabalho, pretendemos evidenciar o surgimento da obstetrícia e da ginecologia como campos médicos especializados na cidade de Vitória da Conquista nas primeiras décadas do século XX e contribuir para descrever a emergência desta especialização na cidade neste período.

A cidade contava com poucos espaços institucionalizados para a prática da obstetrícia. No cotidiano da população conquistense, a maioria dos partos estava restrita ao interior das casas e era realizado por parteiras. Na maioria dos casos, a atuação das parteiras era uma constante. Mesmo nos casos das mulheres de classes mais pobres da cidade, elas ainda eram a primeira opção para o atendimento. De acordo com Maria Lúcia Mott:

Dar à luz fora de casa era uma situação anormal, considerada apavorante e procurada apenas em casos extremos, sobretudo por pessoas tidas como desclassificadas socialmente. Nos casos dos partos complicados, apenas as mulheres mais pobres, indigentes prostitutas e mães solteiras recorriam às Santas Casas, mantidas por caridade religiosa e benemerência. [...] As acomodações eram precárias, as infecções e mortes eram frequentes [sic], como na maioria dos hospitais de então: raramente havia enfermaria especial para parturientes, e, ao dar à luz, mãe e filho permaneciam ao lado de mulheres acometidas das mais variadas doenças. (Mott, 2002, p. 198-199)

O Hospital São Vicente de Paulo da Santa Casa de Misericórdia de Conquista – a primeira instituição médico-hospitalar existente na cidade – também realizava partos, com uma clientela composta pela comunidade mais carente da cidade, o que não quer dizer que toda a população menos favorecida economicamente se dirigisse sem reservas ao atendimento obstétrico hospitalar. O hospital surgiu a partir da iniciativa da Sociedade de São Vicente de Paulo em Vitória da Conquista, criada em 1913 por um grupo de católicos liderados pelo cônego Pe. Manoel Olympio Pereira⁵. O Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista começou a funcionar no ano de 1919 e sempre teve por égide a filantropia. Pelo menos até o final da década de 1940, seus poucos médicos trabalhavam voluntariamente e a

⁵ A Conferência de São Vicente de Paulo ou Conferência Vicentina foi organizada na década de 1830, na França. O nome que carrega é uma referência àquele que é considerado o padroeiro das obras de caridade. Chegou ao Brasil em 1872, ao se formar no Rio de Janeiro a Conferência de São José. Em Vitória da Conquista, a Irmandade Vicentina traz uma característica peculiar, a liderança do Padre Manoel Olympio, haja vista que, normalmente, a Conferência era constituída por católicos leigos. Manoel Olympio Pereira nasceu na Vila Velha de Rio de Contas, atual cidade de Dom Basílio em 1871, foi ordenado sacerdote em 1895 e vigário de Conquista entre os anos de 1905 e 1918. Em 1925 foi nomeado Dom Frei Basílio Pereira, Bispo de Manaus (Rocha, 2009, p. 107-108)



instituição sempre dependeu de donativos coletados entre a população e de subvenções governamentais, daí a débil qualidade no atendimento. Ao exíguo número de atendimentos talvez se possa atribuir à má impressão que as pessoas em geral ainda tinham do ambiente hospitalar, viam-no como um lugar de morte e de *desordem*. Como afirma Foucault, a “desordem aqui significa doenças que ele podia suscitar nas pessoas internadas e espalhar na cidade em que estava situado, como também a desordem econômico-social de que ele era foco perpétuo” (Foucault, 1979, p. 60).

No entanto, o hospital não possuía instalações adequadas para a realização desses partos, como fica explícito em ata da sessão da Mesa Administrativa da Santa Casa de doze de março de 1944:

[Foram realizados] 15 partos [durante todo o ano] também em indigentes, devendo-se notar que o Hospital não se acha absolutamente aparelhado para este mister (obstetrícia) desde quando não tem um cômodo destinado exclusivamente à parturientes, como fizemos notar em um memorial apresentado por esta provedoria ao Conselho de Assistência Social em princípios do ano passado (Ata reunião da Mesa Administrativa da Santa Casa, 12/03/1944).

Além da precariedade do serviço prestado, é notável também o pequeno número de partos realizados no Hospital – apenas quinze em um ano inteiro. Maria Lúcia Mott propôs uma análise da assistência obstétrica entre 1830 e 1960, e a situação por ela evidenciada pode ser notada na cidade de Conquista durante a primeira metade do século XX. Durante o primeiro semestre do ano de 1944, por exemplo, apenas 18 partos foram realizados e todos na enfermaria destinada àqueles categorizados na documentação como indigentes⁶.

A atividade das parteiras ganha mais ênfase ao se notar que, de acordo com índices do IBGE, catalogados em 1939, a população conquistense ultrapassava 74.000 habitantes neste período. Desse total, cerca de 7.682 pessoas eram moradores da zona urbana, a grande massa habitava a zona rural, 62.559 e cerca de 4.202 eram moradores de vilas nos arredores da cidade (Anuário Estatístico do Brasil, 1939-1940). Por estes dados, pode-se ratificar que a atividade das parteiras era algo comum e reconhecido, além de ser uma prática dominada pelas mulheres (Martins, 2004, p. 66).

Em Vitória da Conquista, muitas mulheres se destacaram na memória coletiva e ainda permeiam o imaginário por sua atuação no meio público, durante a primeira metade do século

⁶ Na década de 1940, o hospital São Vicente era dividido entre duas categorias de pacientes: o de pensionistas (que podiam pagar pelo atendimento) e o de indigentes (que eram atendidos gratuitamente).



XX. Algumas destas mulheres, além de sua participação em questões políticas, como foi o caso da disputa política conhecida como “Combate dos Meletes e Peduros”⁷, eram parteiras bastante populares e requisitadas, das quais podemos destacar Laudicéia Gusmão e Eufrozina Maria de Oliveira Freitas (apelidada Fulô do Panela), tendo esta última, inclusive, colaborado, juntamente com outras pessoas da sociedade conquistense, com a fundação da Irmandade Vicentina na cidade, em 1914.

O memorialista conquistense Israel Araújo Orrico narrou o desempenho de Laudiceia Gusmão durante a realização de um parto:

No barraco, a miséria absoluta falava de fome, sofrimento e dor. Nada. Ali, não havia nada mais que a desgraça total. Nenhum pano limpo, nenhuma resga de fazenda. Apenas uns trapos sujos e mal cheirosos serviam de surrado lençol. A mãe cobria-se com os farrapos de sua desventura. A criança já não mais podia esperar e apressava-se a nascer. Ampará-la, como? Com as mãos nuas e deixá-la ali... Mas ali, onde? E como? Urgia decidir rápido. D. Laudicéia não teve dúvida. Retirou a própria anágua e amparou aquele pequenino fruto da desesperança. Dando-o à mãe, lá se foi ela em pessoa, às carreiras, buscar em sua residência o cobertor que protegeria o recém nascido do frio inclemente. [...] Assim era D. Laudicéia: capaz de assinalar com seu exemplo momentos de rara beleza espiritual. A rica ou pobre, pretas, brancas, mulatas, a todas prestava auxílio, sem fazer distinção de cor, credo ou categoria social. (Orrico, 1982, p. 39)

Destaca-se a ausência de datação e o caráter heroico presentes no relato de Orrico. Este fato evidencia a relação entre a atividade exercida pelas mulheres que o mesmo aponta em seu livro e a memória coletiva da população conquistense. No entanto, a narrativa da atuação destas mulheres, bem como a sua disponibilidade para a atividade de parteira é corroborada se considerarmos os dados apresentados anteriormente – a ausência de um setor especializado no pequeno hospital da cidade, a tradição popular, bem como o medo do ambiente médico-hospitalar.

⁷ Confronto que colocou duas facções políticas opositoras da cidade de Vitória da Conquista em embate armado. De um lado, os aliados do então Intendente Municipal, Leôncio Sátyro dos Santos Silva, genro do antigo chefe político, o falecido Coronel José Fernandes de Oliveira Gugé, que receberam o nome de “Peduros”, e, de outro, os aliados políticos (e, por tanto, opositores do Intendente em exercício) do Coronel Manoel Emiliano Moreira de Andrade, o Coronel Maneca Moreira, os “Meletes”. O combate entre “Meletes e Peduros” teve início no dia 19 de janeiro de 1919 e chegou ao fim na tarde do dia 21 com a intervenção de um grupo de matriarcas componentes da endogamia conquistense e alguns homens de respeito e sem ligação em qualquer dos dois grupos conflitantes, eram D. Laudicéia Gusmão, D. Henriqueta Prates, D. Eufrozina Maria de Oliveira, D. Joana Angélica Santos, os senhores Agripino Borges, Maximiliano Fernandes de Oliveira, Cel. Deraldo Mendes Ferraz, Major Belizário Mendes, os médicos Dr. Crescêncio Antunes da Silveira e Dr. Nicanor Ferreira. Este confronto termina com a rendição dos “Meletes” e retirada do Juiz Antônio José de Araújo da cidade, dessa forma, afirma-se o poder político dos “Peduros”. (Souza, 1999).



Boa parte das parteiras era procedente das camadas pobres, muitas delas negras e mulatas, como foi o caso de Eufrozina Maria de Oliveira Freitas, a Fulô do Panela, mulher negra e parteira conquistense. No entanto, Fulô era negra, mas rica, e conforme afirmam Nogueira e Moreira (2014, p. 470) “pertencia à elite dominante subvertendo a sua condição de negra, mascarando a cor da própria pele escondida sob a situação econômica e política que o nome da sua família indicava”. Apesar da atividade de parteira estar associada às mulheres pobres, pelo menos duas delas – Laudicéia e Eufrosina – romperam esses padrões, como indica as duas estudiosas,

embora fosse uma mulher de posses destacando-se entre as mulheres da elite econômica e política conquistense, servia como parteira sendo uma das mais requisitada na região, nada cobrando pelos seus serviços, mostrando que a mudança social não desconsiderava os ensinamentos e práticas inerentes à sua origem. Chegou a fazer cinco partos em um só dia, com a capacidade de programá-los com antecedência (Nogueira; Moreira, 2014, p. 475).

Além das parteiras que prestavam seus serviços gratuitamente, a maioria dos médicos também realizava partos em domicílios e os que trabalhavam na Santa Casa de Conquista eram, muitas vezes, voluntários. As dificuldades financeiras porque passava a instituição obrigavam a provedoria a solicitar aos médicos da cidade “os seus serviços sem remuneração” (Ata de reunião da Santa Casa, 06/08/1933) com muita frequência, o que acabou acontecendo durante as décadas de 1930 e 1940. Destes médicos *parteiros*, alguns ganharam maior visibilidade que outros e tiveram uma atuação política importante na região, como foi o caso dos médicos Crescêncio Antunes da Silveira (1884-1952) e Luís Régis Pacheco Pereira (1895-1987) que chegaram aos cargos de deputado estadual e governador do estado da Bahia, respectivamente.

Crescêncio da Silveira foi um dos primeiros a assumir o cargo de obstetra no hospital São Vicente de Paulo e era muito conhecido na cidade pela destreza em realizar partos difíceis, como evidencia o relato no jornal *O Conquistense* de que “rara é a mãe pobre em Conquista que não deve a própria vida ou a de seus filhinhos, a abnegação desse velho amigo dos sofredores” (*O Conquistense*, 13/10/1956). Na década de 1940, quando se formou o primeiro corpo clínico do hospital, este médico assumiu a obstetrícia, evidenciando a sua primazia nesta especialidade na cidade de Vitória da Conquista.

A atividade obstétrica realizada por homens era incomum e isso só começaria a acontecer, aos poucos, no decorrer da segunda metade do século XX, em especial nos grandes



centros (Martins, 2004, p. 66). Apesar de na documentação da Santa Casa de Misericórdia, já encontrarmos os conceitos de obstetrícia e ginecologia, a opção pela nomenclatura *parteiro* nos anúncios de jornais por parte destes médicos obstetras foi, segundo Marivaldo Cruz do Amaral (2005, p. 26), uma das técnicas utilizadas por esses profissionais da saúde que visavam burlar a tradição popular e ganhar a simpatia da população a ser atendida, pois a presença do médico no momento do parto ainda causava desconforto e desconfiança por parte das mulheres. Ora, a parteira estabelecia vínculos morais, afetivos e religiosos com as parturientes, ao passo que os jovens médicos viam a mulher e o corpo feminino por um viés científico.

Outra estratégia utilizada pela Santa Casa de Vitória da Conquista para legitimar essa especialidade no interior do hospital foi o recrutamento de médicas para a Irmandade e para o corpo clínico do hospital, como evidencia a fala do médico e provedor Crescêncio da Silveira, que trazia “à discussão o pedido de nomeação da Doutora Ruth Pedreira Guena para o Corpo Clínico do Hospital São Vicente. Para o Vice-provedor, Joaquim Fróes, a médica teria a preferência das pacientes “por ser mulher” (Ata de reunião da Santa Casa, 04/05/1941). Certamente, a provedoria e os médicos buscavam se aproximar dessa clientela através do estabelecimento de vínculo de caridade e filantropia entre as pacientes e o corpo clínico, representado por uma mulher. Como afirma Iole Vanim (2008, p. 229):

A benemerência era uma característica vinculada ao estereótipo feminino vigente no período, pois significava que a sua praticante era detentora de altruísmo, piedade, amor ao próximo, abnegação e, o seu exercício não se fazia somente por meio das doações de bens materiais, mas também pelo empréstimo dos seus saberes especializados aos necessitados.

Além do uso do título de *parteiro*, outro mecanismo era utilizado pelos médicos com a mesma finalidade de se aproximar da clientela a ser atendida, tratou-se da publicação de alguns anúncios de clínicas especializadas em medicina da mulher, que podiam ser evidenciados, ainda que de forma esparsa, a partir de 1934, bem como do uso de terminologias populares ao lado de termos técnico-científicos e que pode ser notado em Vitória da Conquista nestes anúncios de clínicas especializadas em obstetrícia e ginecologia a partir da década de 1940. Como ressalta Renilda Barreto (2001, p. 142) este mecanismo se constituía “num elemento atrativo que o médico utilizava para ganhar a confiança das camadas populares, aquelas que tradicionalmente recorreriam ao auxílio da parteira para tratar



de doenças do aparelho geniturinário e para o atendimento ao parto e à criança”. O periódico *O Combate* evidencia essa afirmação:

WASHINGTON LANDUFO
Prof. Livre da Faculdade de Medicina
OPERADOR E PARTEIRO
Cons. Trav. Lima Guerra
Residência – Rua São Vicente, 5 (09/10/1943)

Dr. Esaú Vieira de Matos – Médico
COM 2 ANOS DE ESTÁGIO NO “BURLINGTON COUNTRY HOSPITAL” MT.
HOLLY, N.J. ESTADOS UNIDOS
CIRURGIA – OBSTETRICIA – DOENÇAS DE SENHORAS.
Controle de dor em trabalho de parto
CONSULTÓRIO: - Praça Barão do Rio Branco, nº 2.
MANHÃ das 8 as 11 no Hospital S. Vicente de Paula
TARDE das 13 ½ às 17 no Consultório (15/12/1949)

Esses anúncios também evidenciam o debate médico em voga na Europa e nos Estados Unidos na primeira metade do século XX a respeito das especializações da medicina feminina, debate este que já chegava, mesmo que lentamente, ao Brasil. No final do século XIX, na Europa, já se iniciava o processo de autonomização da ginecologia, em que o termo “doenças femininas” “desaparece da literatura médica para ser substituída pelo termo ‘ginecologia’” (Pinell, 2010, p. 209). Podemos notar que o médico Esaú Matos, mesmo tendo cumprido dois anos de estágio no *Burlington Country Hospital* e, ao que se supõe, acompanhado essa discussão, ainda utilizava a expressão *doenças de senhoras* ao invés de *ginecologia*, provavelmente para se aproximar de seu público alvo. O dr. Landufo, por sua vez, atuava como parteiro, corroborando com a tese de que os médicos brasileiros buscavam se aproximar de suas pacientes e conquistar esse espaço, reservado durante séculos às parteiras.

Como contraponto, deve-se fazer referência às técnicas utilizadas para amenizar as dores do parto que facilitavam, inclusive, a prática das cesarianas. Como pôde ser visto anteriormente, Esaú Matos já praticava procedimentos com este fim (o controle da dor em trabalho de parto). Maria Lúcia Mott afirma que medicamentos como o clorofórmio e a pituitrina que possibilitavam anestesiarem pacientes em trabalho de parto (Mott, 2002, p. 203) favoreceram a consolidação do parto como um “evento médico” e da maternidade como o lugar mais adequado para a realização deste acontecimento no século XX.



O aparecimento de clínicas especializadas na área da saúde da mulher na cidade Vitória da e Conquista já ao fim da primeira metade do século XX faz notar um movimento que começara a ocorrer de forma ampla no Brasil desde a década de 1850, a migração das atividades do parto das casas para o ambiente clínico/hospitalar. Segundo Martins (2004, p. 178), desde o início do século XX, as clínicas especializadas e os médicos *parteiros* já eram requisitados para estas atividades, ainda que em número acanhado. Essas clínicas atendiam, de forma restrita, senhoras brancas da alta sociedade como clientela que, portanto, podiam pagar pelos serviços, como demonstra o anúncio abaixo publicado no jornal *O Combate*:

Casa de Saúde
Diretor proprietário Dr. J. Guena
Ex interno de clínica cirúrgica – Ex assistente na Faculdade de Medicina da Bahia
DOENÇAS GENITO URINÁRIAS E OPERAÇÕES A CARGO DO DR. J. GUENA.
TRATAMENTO DAS DOENÇAS DE SENHORAS PELA DR^a RUTH GUENA
MATERIAL CIRÚRGICO DA MAIS ALTA EFICIÊNCIA
OPERAÇÕES (HÉRNIAS, TUMORES DO VENTRE, SEIO, APENDICITE ETC.)
Assistência médica permanente
Quartos para internamento dos doentes
Consultas das 9 às 11 e das 5 às 2 da tarde
Rua do Quartel, Cidade de Conquista (24/01/1943)

Mesmo com o aparecimento destas clínicas especializadas, o quadro do atendimento médico-hospitalar às mulheres parece ter sido pouco alterado no sertão da Bahia, afinal grande parte dos atendimentos no Hospital da Santa Casa de Conquista, que por quase vinte anos permaneceu como única casa de saúde da região, era destinado àquelas tratadas na documentação como indigentes, ou seja, as mulheres pobres, de cor e sem recursos. As clínicas e medicamentos começaram a se estabelecer e a aparecer na documentação, assim como os médicos especialistas anunciando os benefícios alcançados pela medicina, como o uso da anestesia, por exemplo.

Apesar disso, estas especialidades, ginecológicas e obstétricas, ainda eram insuficientes para, por si só, atrair a confiança da população feminina no interior baiano. A associação das práticas médicas com as atividades das parteiras fez-se necessária para arregimentar a clientela, assim como a utilização das devidas nomenclaturas. A propósito, a aproximação entre médicos e parteiras foi um movimento que ocorreu em várias partes do mundo ocidental, não apenas no interior baiano (Martins, 2004, p. 66).

A assistência médica destinada às doenças de senhoras e ao parto continuou sem grandes avanços em Vitória da Conquista, pelo menos até o fim da década de 1940, quando,



por ocasião da fundação e do apoio da Legião Brasileira de Assistência⁸, a LBA, fundou-se em 1948 na cidade uma filial que passou a atender gestantes e crianças, além de fornecer medicamentos e produtos lácteos à população mais necessitada da região. Também a criação da Associação de Proteção à Maternidade e Infância de Vitória da Conquista, em 1949 amparada pelo Departamento Nacional da Criança e pelo Ministério da Educação e Saúde, fruto das políticas públicas desenvolvidas durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) (Hockman, 2005, p. 136).

No segundo semestre do ano de 1948, foi apresentada ao público conquistense uma relação das atividades desenvolvidas pela LBA nesta cidade acompanhada de números que demonstravam a atuação do Posto de Puericultura, mantido pela mesma Instituição, na qual se pode perceber a movimentação do atendimento dispensado às gestantes e às crianças, fazendo-se notar ainda o pequeno contingente recepcionado. Além de prestar atendimento médico às mulheres grávidas e às crianças, o Posto de Puericultura também distribuía medicamentos e leite de vaca in natura e em pó. Dos números dos atendimentos médicos podemos evidenciar:

Atendidos no Consultório de Higiene Infantil - 242

Atendidos no Consultório de Higiene Pré-natal - 20

Em 1º exame – Crianças - 172

Reexaminadas – Crianças - 70

Em 1º exame – Gestantes - 15

Reexaminadas – Gestantes - 5

Altas por falecimento – Crianças - 2

Crianças em tratamento - 242

Gestantes em tratamento - 20⁹

Lactário

Leite de vaca distribuído - 146 L

Leite ELEDON [Leitelho] - 1.146 mamadeiras (191 L – 47 latas)

Leite NINO preparado e distribuído - 2.106 [351 L – 48 latas – 84 latas]

(O Combate, 16/08/1948)

⁸Organização criada em 1942, presidida, pela, então Primeira-Dama, Darcy Vargas, tinha como objetivo motivar e arregimentar mulheres para auxiliar as famílias dos soldados brasileiros combatentes no front, os pracinhas, por conta do advento da Segunda Guerra Mundial e do conseqüente envolvimento do Brasil no conflito. Com o fim da guerra, em 1945, a LBA passou a prestar serviços de assistência social, saúde, educação, habitação, em colaboração com o poder público. Para a historiadora Ana Paula Martins, a criação desta instituição permitiu a melhor organização da assistência social no Brasil, além de reforçar o estereótipo da mulher como cuidadora dos filhos e do desenvolvimento do dom da caridade. Permitiu ainda a inserção das mulheres em campos de atuação majoritariamente masculinos, como assistentes sociais, advogadas, funcionárias públicas (Martins, 2011). Em Vitória da Conquista, as poucas referências que puderam ser localizadas nos permitem dizer bem pouco a respeito da sua atuação na cidade.

⁹ Jornal *O Combate* de 16 de agosto de 1948. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista.



A sede da Legião Brasileira de Assistência funcionava em um anexo do Hospital São Vicente de Paulo, além disso, seu presidente, José Adelmário Pinheiro (1907-1963), era também membro do corpo clínico e integrante da Irmandade que dava nome à instituição hospitalar. Além disso, a Santa Casa também recebia pacientes (parturientes e infantes) enviadas pela LBA e esta, por sua vez, como instituição especializada no atendimento às gestantes e às crianças, durante o processo de construção da Maternidade Régis Pacheco, fiscalizou o andamento da obra, designando o médico Dr. Hérmilo Ribeiro Neto para inspecionar a edificação e classificá-la como apta ou não para o exercício da atividade a que se destinava¹⁰.

Esteve neste Hospital o Ilm.º Sr. Dr. Hermilo Ribeiro Neto... Médico da Legião Brasileira de Assistência o qual, visitando as obras destinadas à Maternidade, achou que suas dependências não estavam de acordo com as exigências atuais, no que diz respeito à maternidade, tendo levado a planta para novos estudos e sua manifestação de respeito. (Ata de reunião da Santa Casa, 03/08/1947).

O desenvolvimento de políticas públicas deste período e a melhor articulação por parte da Direção do Hospital São Vicente junto aos poderes competentes fez acentuar a atuação dos governos federal e estadual no atendimento médico-hospitalar de forma geral. Com base nos dados apresentados pela Diretoria Médica à Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista, podemos evidenciar com melhor clareza, especificamente, as atividades médicas obstétricas realizadas no ambiente em questão. No gráfico abaixo, apontamos a progressão do número de partos atendidos no Hospital.

¹⁰Ata da Mesa Administrativa da Santa Casa de misericórdia do dia 03 de agosto de 1947. Arquivo da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista.

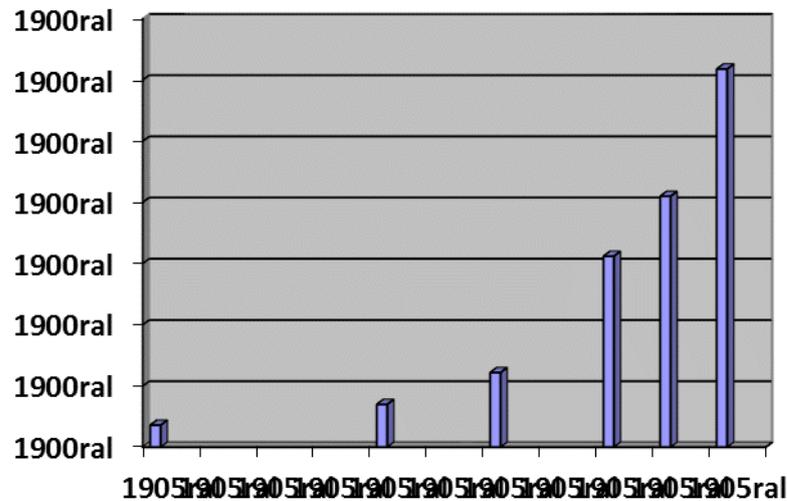


Gráfico 1 – Atendimentos obstétricos na Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista (1944-1954). Fonte: Atas de reunião da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de 1944 a 1954

A documentação analisada, porém, deixa algumas lacunas, um exemplo disso é o fato de não terem sido apresentados os números das atividades médicas dos anos de 1945, 1946 e 1947. Não obstante, não é difícil especular os números que poderiam ter sido apresentados, tendo em vista o pequeno progresso dos números que foram encontrados em atas do ano de 1944 (apontando 18 partos, como mencionado anteriormente) e do ano de 1948 (quando foram registrados apenas 35 partos durante todo o ano). A prática obstétrica só começa a ganhar notoriedade e credibilidade junto à população conquistense a partir da instauração da Maternidade Regis Pacheco, em 1952.

A partir do ano de 1952, o número de partos realizados dá um salto e quase duplica. No ano de 1950, foram registrados 61 partos, deste total, 45 foram realizados em mulheres classificadas como “indigentes” e apenas 16 parturientes foram atendidas nos pavilhões de pensionistas. Em 1952, o súbito aumento pode ser claramente explicado pela inauguração, no interior do Hospital São Vicente de Paulo, da primeira maternidade de Conquista, inaugurada no mesmo ano.



O nome do médico Luiz Régis Pacheco Pereira apareceu com frequência nas atas de reuniões da mesa administrativa da Santa Casa conquistense, principalmente quando se faz referência à maternidade, seja antes ou depois da inauguração.

O senhor Raimundo Oldegar disse que estando o Sr. Régis Pacheco de viagem anunciada para esta cidade, acham melhor se levar a efeito a inauguração da Maternidade que tem o nome do governador, não só para aproveitar a oportunidade, como para estimulá-lo que ajude a Santa Casa. (Ata de reunião da Mesa Administrativa da Santa Casa, 06/01/1952)

A maternidade foi inaugurada um ano após o médico e político Luiz Régis Pacheco Pereira (1895-1987) tornar-se governador do Estado da Bahia. A trajetória deste médico na cidade começou em 1919, quando ele foi enviado pelo governo estadual para debelar a epidemia de varíola na cidade. No mesmo ano engajou-se como irmão da Santa Casa de Misericórdia, tornando-se provedor nos anos de 1927 a 1928, contudo, não se destacou na função e exerceu sua profissão reconhecidamente em seu consultório particular e não propriamente no interior da Santa Casa, pois esta permaneceu fechada nesse período.

Utilizou-se da medicina para se projetar politicamente e assumiu muitos cargos políticos ao longo de sua vida, tendo se tornado intendente da cidade na década de 1940 e chegado ao cargo mais alto na esfera estadual, que foi o de governador do Estado da Bahia entre 1951 e 1955. O fato de ser um Irmão da Santa Casa, médico respeitado e político proeminente foi um fator decisivo para que a Irmandade da Misericórdia local o elegeisse como patrono da maternidade.

Maria Lúcia Mott cita que em 1934, o Dr. Otto Circe, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, afirmava que "a mulher brasileira, sobretudo do interior, estava habituada a ver o hospital como um abrigo aos necessitados e desvalidos, sentindo-se humilhada e ofendida em sua vaidade quando aconselhada a se a se internar num desses estabelecimentos" (Mott, 2002, p.205). No nosso caso em estudo, verificou-se, com a inauguração da Maternidade em 1952, que o discurso médico produzido e reproduzido na imprensa periódica do período, já apontava para uma modificação nos hábitos das mulheres interioranas e sertanejas.

A utilização da imprensa como mecanismo divulgador da ciência médica foi notado em outras partes do país e em especial, em Salvador. Revistas como a Bahia Ilustrada (1921), serviram para propagar a imagem da Maternidade para o público feminino que ocupava as camadas altas da sociedade (Amaral, 2005).



A dificuldade em convencer a sociedade de que a ciência médica era a melhor proposta à saúde da mulher foi sendo vencida com o uso da imprensa como ratificadora dos seus argumentos, os jornais da cidade cada vez mais colocavam em evidência os benefícios da construção da maternidade, como foi o caso do periódico *O Conquistense*, em 14 de janeiro de 1956, em uma matéria que enaltecia a maternidade Régis Pacheco, inaugurada quatro anos antes.

Instalada em 11 de janeiro de 1952, vem a Maternidade desenvolvendo suas atividades sem interrupção, preenchendo a lacuna deixada, nesta cidade, pelo falecimento do bom, dedicado e magnânimo Dr. Crescêncio Silveira, aquele incansável velhinho, o verdadeiro amigo da Mãe Pobre de Conquista. [...] Com instalações modestas e deficiência de muita coisa indispensável, o esforço dos médicos e a abnegação das Irmãs de Santa Catarina de Sena, superam essas deficiências, tanto que, mercê de Deus, ainda não houve caso de se recusar uma só parturiente. De fato, a mulher pobre já aprendeu mesmo a procurar os serviços quando vê aproximar-se a hora feliz de ser mãe.¹¹

Em primeiro lugar, o discurso médico deste jornal exaltava o importante papel caritativo/filantrópico do médico *parteiro*, para logo em seguida afirmar que a maternidade era o espaço médico reconhecido e legitimado para o parto. Chama a atenção, mais uma vez, o fato de que a maternidade, pertencente ao Hospital São Vicente de Paulo da Santa Casa de Misericórdia, era o local “escolhido” pelas mulheres pobres. Por ser um serviço caritativo e gratuito, este era o único espaço disponível para elas, ao contrário das mulheres de elite, que resistiram por mais tempo em adentrar no espaço médico-hospitalar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marivaldo Cruz do. “*Da comadre para o Doutor*” - A Maternidade Climério de Oliveira e a Nova Medicina da Mulher na Bahia Republicana (1910-1927). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Ano V, 1939-1940. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Conselho Nacional de Estatística [online]. Disponível em

¹¹ Maternidade Régis Pacheco, Jornal *O Conquistense* de 14 de janeiro de 1956. Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, grifos nossos.



http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v1.pdf. Acesso no dia 06 de março de 2013.

BARRETO, Maria Renilda. Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX. História: Questões & Debates. *Revista História*. Editora da UFPR: Curitiba, v. 8, 2001.

FONSECA, Humberto José. Formação política da região sudoeste da Bahia. In: AGUIAR, Edinalva Padre. Et ali. *Política: O Poder em Disputa – Vitória da Conquista e região*. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Série Memória Conquistense, v.3, 1999.

FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. IN: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.153-171, jun. 2008.

HOCHMAN, G. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). In: *Educar*. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Gênero e assistência: considerações histórico-conceituais sobre práticas e políticas assistenciais. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, supl. 1.

_____. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MOTT, Maria Lúcia. Assistência ao parto: do domicílio ao Hospital (1830-1960). In: *Projeto História*. São Paulo, 2002, p. 198.

MOREIRA, N., NOGUEIRA, M.. Mobilidade e poder da mulher negra no Sertão da Ressaca. *Revista da ABPN*, vol. 6, jun. 2014. Disponível em: [HTTP://WWW.ABPN.ORG.BR/REVISTA/INDEX.PHP/EDICOES/ARTICLE/VIEW/450](http://www.abpn.org.br/revista/index.php/edicoes/article/view/450). Acesso em: 29 Set. 2014.

ORRICO, Israel Araújo. *Mulheres que fizeram história em Conquista*. Feira de Santana: Bahia Artes Gráficas, 1982.

PINELL, Patrice. *Análise sociológica das políticas de saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

SOUZA, Belarmino de Jesus. Uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República. In: AGUIAR, Edinalva Padre. Et ali. *Política: O Poder em Disputa – Vitória da Conquista e região*. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Série Memória Conquistense, v.3, 1999.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; REIS, Giselle Volpato dos. *José de Albuquerque e a educação sexual nas décadas de 1920-1950: um estudo bibliográfico*. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2003.



ROCHA, Francisco Paulo Ribeiro. *A Santa Casa. História da Santa Casa de Vitória da Conquista – 1914 a 2008*. Bahia: Brasil Artes Gráficas, 2009.

VANIM, Iole Macedo. *As damas de branco na biomedicina da Bahia (1879-1949): médicas, farmacêuticas e odontólogas*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista:

Atas de reunião da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de 1933 a 1954.

FONTES IMPRESSAS

Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista:

Jornal O Combate. 1935, 1941, 1943, 1948.

Jornal O Conquistense. 1956.

Recebido em julho de 2014
Aprovado em setembro de 2014